TEXTO 1

PROJETOS

Artur de Azevedo

Na sala de jantar do Antunes, à noitinha. A família está reunida. O dono da casa cochila na cadeira de balanço. D. Rosália, sua mulher, conserta meias. Das senhoritas, que são três, uma cose e duas fazem croché. Cazuzo, menino de doze anos, vê as figuras do "Tico-Tico".

D. Rosália. — Meninas, vocês viram o projeto do Alcindo Guanabara?

As Meninas. — Que projeto?

D. R. — (*Arremedando-as.*) Que projeto? (*Em tom natural.*) Vocês só sabem de modas!... O projeto unificando os vencimentos dos funcionários públicos.

1.a Senhorita. — Papai lucra com isso alguma coisa?

D. R. — Decerto! Vosso pai, que atualmente ganha... Quanto é mesmo, Antunes?

Antunes. — (*de olhos fechados e voz arrastada.*) Sete contos e duzentos.

D. R. — Ficaré ganhando doze contos!

A. — Fora os descontos.

1.a S. — Doze contos! Quem bom! Só assim terei um colete novo!

2.a S. — E eu poderei comprar aquele chapéu que vi nas Fazendas Pretas!

3.a S. — E eu realizar o meu sonho, que é possuir um relógio com *chatelaine art nouveau*!

Cazuzo. — (*Sem tirar os olhos do "Tico-Tico".*) Eu só quero uma bicicleta! Quando vem esse cobre?

D. R. —• Calem-se! O projeto ainda não passou!

A. — Nem se sabe se passará... .

D. R. — Quando houver mais algum dinheiro nesta casa, a primeira despesa a fazer é reformar a mobília da sala de visitas, que está toda bichada.

1.a S. — Ora, mamãe! a mobília pode esperar, e eu preciso muito de um colete novo!

2.a S. — O meu chapéu está indecente!

3.a S. — Um relógio e uma chatelaine não custam os olhos da cara!

C. — (*Atirando de mau modo o "Tico-Tico".*) Não há menino pobre que não tenha bicicleta!

Dr. R. — Isso é lá com vosso pai!

A. — (*abrindo os olhos*). Se vier o aumento - o que duvido, porque quando a esmola é muita o pobre desconfia-, em primeiro lugar farei o possível para ficar livre de dois agiotas que me tiram couro e cabelo, e tratarei de pagar aos outros credores. Depois veremos. (*Olhando tristemente para os pés.*) Também eu preciso de umas botinas, que estas, compradas há três anos, estão rasgadas e já levaram duas meias solas e dois remontes!. . .

AZEVEDO, Artur. *Teatro à Vapor*. São Paulo: Editora Cultrix, 1977. Pág. 50.

Disponível em:

<http://www.teatronaescola.com/index.php/banco-de-pecas/item/teatro-a-vapor-arthur-azevedo> Acesso em 3/11/2018.

TEXTO 2

O MEALHEIRO

Artur Azevedo

Na sala de jantar do Sr. Barradas. Estão em cena ele e sua mulher, d. Quitéria.

Barradas. — Ó Quitéria, foi você quem tirou um níquel de quatrocentos réis que estava no bolso do meu colete?

Quitéria. — Não. Você bem sabe que não tenho o costume de revistar-lhe as algibeiras.

B. — Que diabo! Aqui andam gatunos! Ultimamente tenho dado por falta dos trocos miúdos. Você tem confiança na cozinheira?

Q. — Toda, e, demais, ela não entra no nosso quarto. Só se foram as meninas!

B. — Isso é fácil de averiguar. (*Chamando.*) Zízinha! Bicota!

As Vozes das Senhoritas. — Senhor?

Barradas. — Venham cá. (*À Quitéria.*) Vou abrir um inquérito. Vais ver como tenho jeito para autoridade policial! (*As senhoritas entram.*) Meninas, de tempos a esta parte têm-me desaparecido níqueis do bolso do colete. (*As senhoritas entreolham-se.*) Digam-me com toda a franqueza se são vocês que. . . (*As senhoritas baixam os olhos.*) São vocês, confessem!. . .

Zizinha. — Confessamos.

Bicota. — Somos nós.

Barradas (*a Quitéria*). —• Vês que perspicácia? E não se aproveita um homem como eu! Ah! se o Alfredo Pinto me conhecesse!. . .

Q. —• Mas para que vocês furtaram os níqueis de seu pai?

Z. — Não eram só os de papai.. .

Bi. — Eram também os de mamãe. . .

Z. — Eram quantos níqueis apanhávamos à mão.

Bi. — Todas as vezes que pilhávamos um níquel descuidado, *nhape!*

Z. — Não nos escapava nenhum vintém vagabundo!

Ba. — Até os vinténs! Mas para quê?

Bi. — Para meter no mealheiro.

Ba. — Que mealheiro?

Zi. — Um mealheiro que temos lá no nosso quarto, e há três meses que estamos a encher.

Bi — Quer ver, papai? (*Corre ao quarto e volta trazendo o mealheiro.*) Aqui dentro há dinheiro do papai, da mamãe e nosso. O mealheiro só se abrirá quando tiver quinze mil réis.

Ba. — Quanto já tem?

Zi. — Não sabemos. . . perdemos a conta. . .

Ba. — (*pesando o mealheiro nas mãos*). Aqui há mais de quinze mil réis. Ora espera! (*Vai buscar um ferro e abre o mealheiro, apesar dos protestos das senhoritas. As moedas espalham-se sobre a mesa.*) Contemos! (*Conta-se o dinheiro.*) Que lhes dizia eu? Dezesseis mil e duzentos!

As senhoritas (*contentes*). — Que bom! que bom! Já temos os quinze mil réis! . .

Ba. — Mas para que estão vocês a juntar este dinheiro há três meses?

Bi. — Papai não se zanga?

Ba. — Não.

Zi. — Mamãe não ralha conosco?

D. Quitéria. — Não.

Bi. — É para darmos todos quatro um passeio em automóvel!

AZEVEDO, Artur. *Teatro à Vapor*. São Paulo: Editora Cultrix, 1977. Pág. 51.

Disponível em:

<http://www.teatronaescola.com/index.php/banco-de-pecas/item/teatro-a-vapor-arthur-azevedo> Acesso em 3/11/2018.

TEXTO 3

Trecho do livro “Exercícios de palco”

FOFOCAS

Maria Clara Machado

1 – (Atendendo) Alô! Oi Patrícia. O quê?... Não... Não... não é possível! (Faz caras de alegria e fingida decepção) Não! Mas a Vânia é tão santinha... Que escândalo! Tá... tá... tá... Claro que não vou fofocar. Detesto essas coisas... Beijo. (Desliga e fica pensando por uns momentos). Mas a Vânia! Fingida. (Liga rápido; atende o número 2).

2 – Alô! Oi, Maria.

1 – Tenho uma ótima para te contar. Sabe a Vânia, a santinha?

2 – Sei. Sei... e daí?

1 – Menina, eu soube de uma...

2 – Conta logo Maria, você já está me deixando nervosa.

1 – Imagine que a Patrícia me contou que viu a Vânia no cinema com um homem muito mais velho do que ela. De mãos dadas!

2 – O quê? De mãos dadas? Deve ser o pai.

1 – Ela não tem pai. O pai morreu, saca?

2 – Mas não foi o pai da Helena que morreu?

1 – Bafo. Foi o da Vânia, sim. Safadinha, hem? E bancando a santa de pau oco.

2 – Mas ela não está namorando aquele sebo do Fernando?

1 – Está. Justamente por isto é que fico mais espantada. Ele já era. Tá ferrado mesmo.

2 – Merece. Surfa mal paca. Quero só ver a cara dele hoje, quando souber, no colégio. Mas a Vânia, hem?

1 – Nem pensar!...

2 – Mas você vai dedurar?

1 – Eu hem? Mas essas coisas ocorrem... Então tchau, Lurdinha.

2 – Tchau. (Desliga e pensa um pouco) Essa não... Vou ligar para Eliana. Ela é irmã do Fernando. Deve saber (Liga).

3 – Alô!

2 – Eliana?

3 – Tudo bem, Lurdinha?

2 – Tudo jóia. Como vai o Fernando?

3 – Meu irmão?

2 – Quem poderia ser?

3 – Ora, poderia ser o Fernando Sabóia.

2 – Aquele emplastro? Não. É seu irmão mesmo.

3 – Deve ir bem, por quê?

2 – Continua o namoro dele com a Vânia?

3 – Acho que sim. Ontem mesmo estavam agarradinhos na praia.

2 – Ah é? É um espanto!

3 – Por quê?

2 – Nada não.

3 – Fala, ora. O que é que há? Que papo furado é esse?

2 – Pergunta à Patrícia.

3 – Caramba! Tu ta esquisita, hem?

2 – Não gosto de fuxicos, mas é bom você telefonar para a Patrícia. (Desliga e fica feliz) Quero só ver.

3 – Lurdinha ta tão estranha. Vou ligar para a Patrícia. (Liga)

4 – Alô?

3 – Patrícia? Eliana.

4 – Oi, Eliana.

3 – Que papo é este da Vânia com o Fernando?

4 – Com o Fernando?

3 – É.

4 – Ele não é seu irmão? Pergunte a ele.

3 – A Lurdinha me disse para perguntar a você.

4 – Bem. Já que você sacou... Mas promete que não vai contar nada ao Fernando?

3 – Prometo.

4 – A Vânia tava beijando um cara mais velho no cinema outro dia.

3 – Não! É bafo.

4 – Não é não. Eu vi.

3 – Meu irmão tá ferrado.

4 – Tá mesmo.

3 – Nunca pensei. A Vânia, hem? Com aquela cara de freira do Colégio Sion, hem?

4 – Eu nunca fui com a cara dela.

3 – Aquele visual de santinha nunca me enganou também.

4 – Nem a mim.

3 – Bem, Patrícia, então tchau.

4 – Tchau, Eliana. Não fica espalhando não, viu Eliana. Detesto fofocas...

3 – Tchau! (desliga)

3 – Será que a Helena já sabe? (liga depressa)

5 – Alô?

3 – Aqui é a Eliana.

5 – Oi, Eliana.

3 – Tenho uma ótima para te contar.

5 – Conta.

3 – Promete não espalhar?

5 – Prometo.

3 – Sabe a Vânia?

5 – Sei... Sei claro!

3 – Sabe o que eu soube?

5 – Claro que não sei, ora, você ainda não contou.

3 – Promete mesmo não espalhar?

5 – Prometo. Desembucha logo, Eliana. estou verde de curiosidade.

3 – A Lurdinha me contou que a Maria contou prá ela que a Patrícia viu a Vânia agarrada com um velho no cinema. Depois telefonei prá Patrícia e ela me confirmou tudo.

5 – O quê? A Vânia namorada do Fernando?

3 – Ela mesma.

5 – ...

3 – Alô... alô... vocês está aí, Helena?

5 – Estou... estou muda de espanto! A Vânia?

3 – Ela mesma. A fingidinha...

5 – Mas ela não é namorada do seu irmão, Eliana?

3 – Jura que não conta nada prá ninguém?

5 – Juro. Mas estou de boca aberta.

3 – Fecha a boca e tchau. (desliga).

5 -A Vânia com um velhinho. É demais. Aos beijos... (liga rápido para Carmem.)

6 – Alô!

5 – Aqui é a Helena.

6 – Oi! Por que você não foi à praia ontem?

5 – Não muda de assunto, Carmem. Tenho uma ótima para te contar. 6 – Que assunto?

5 – A Vânia vai se casar com um velho.

6 – O quê?

5 – Pode cair da cadeira.

6 – Mas eu estou em pé.

5 – Então cai de bunda.

6 – Não brinca. O que foi?

5 – É isto mesmo. A Eliana me telefonou e disse que a Lurdinha ouviu da Maria que ouviu da Patrícia que ouviu da... não, foi a própria Patrícia que confirmou que recebeu a participação...

6 – Participação de quê? De quê? Desembucha logo, Helena!

5 – Que a Vânia ia se casar com um sujeitinho velho caquético e milionário.

6 – Não... não pode ser... E o Fernando?

5 – Dizem que ele mata o velho...também duvido...Bobo como ele é, não mata nem uma mosca, muito menos um velho milionário...

6 – Ainda por cima surfa mal paca.

5 – A galera vai delirar quando souber...

6 – Estou de boca aberta.

5 – Então fecha a boca, porque é verdade. E até logo. Tô atrasada prá caramba. Tenho que ir a um dentista que minha mãe inventou. Tchau.

6 – Vou contar tudo prá Silvinha. Ela que se diz tão amiga da Vânia. Quero só ver.

7 – (atendendo) Oi, Carmem. Tudo bem?

6 – Tudo maravilhoso.

7 – Pois prá mim não. Você soube que minha avó morreu ontem?

6 – Oh... Meus pêsames.

7 – Estava muito velhinha.

6 – Coitada.

7 – O que é que ia contar?

6 – (animando-se) Por falar em velha, sabe da última?

7 – Morreu mais alguma avó?

6 – Sabe a Vânia?

7 – Também perdeu a avó?

6 – Nada disso. A avó dela está espertinha. Mas eu soube que ela vai casar com um velho milionário.

7 – O quê?

6 – É isto aí. E o pior é que soube também que o Fernando, namorado dela, disse que mata o velho.

7 – Mata?

6 – Deve ser de ciúmes.

7 – Que horror! Quem te contou?

6 – Toda a turma já sabe.

7 – Mas a Vânia? Ontem mesmo ela estava na casa da Maria Lúcia com o Fernando.

6 – Tudo hipocrisia. Toda a turma e toda a cidade só comenta isto.

(De repente todas falam ao mesmo tempo suas falas, menos Sílvia que fica pensativa. Silêncio.)

7 – Vou ligar para a Vânia.
8 – Oi, Sílvia. Tudo bem?
7 – Então que história é essa que estão espalhando por aí que você vai se casar com um velho milionário...
8 – Não me consta que o Fernando seja velho ou milionário, nem me consta que eu vou me casar.
7 – Pois é, mas a Carmem me contou que soube pela Helena, que a Eliana disse que...
8 – Isto está me cheirando a Patrícia...
7 – O quê?
8 – Ela me olhou com uma cara outro dia no cinema que vi logo que ia dar galho.
7 – O quê?
8 – Eu estava outro dia no cinema com meu pai que chegou da França.
7 – Mas você tem pai?
8 – Tenho, ora. Só que não gosto de falar nele. Ele é separado de minha mãe e vive na França.
7 – Ahhhh, então o velho...
8 – Velho coisa nenhuma; meu pai está bem enxuto e estávamos mesmo de mãos dadas...Puxa que fofoqueiras vocês são...

MACHADO, Maria Clara. Exercícios de Palco. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1996.

TEXTO 4

Trecho do livro: *O Menino Narigudo*

Autor: Walcyr Carrasco

GABI ENTRA DE MOCHILA. CRISTIANO AFASTA-SE BATENDO A BOLA.

CIRANO – (hesita) Gabi...

GABI – Oi.

CIRANO – (tímido) Eu... eu preciso falar com você.

GABI – Comigo?

CIRANO – É... eu... eu quero te convidar pra tomar um sorvete comigo. Pronto, já disse.

GABI – (surpresa) Ahn?

CIRANO – É isso mesmo. Quero te convidar pra tomar um sorvete comigo.

GABI – Ah... Mas você paga o sorvete?

CIRANO – Claro que pago. Eu estou convidando.

GABI – Ah... bom. Porque tem gente que convida e depois na hora não põe a mão no bolso. O seu amigo Cristiano é assim. Um caloteiro.

CIRANO-(decidido) Eu já disse que pago o sorvete.

GABI – Eu vou se for um sundae, com calda de caramelo, marshmallow!

CIRANO – (sem jeito) Puxa, Gabi... eu vou ficar de bolso vazio. Mas tá legal... pago o sundae!

GABI SORRI. OS DOIS ANDAM COMO SE ESTIVESSEM PASSEANDO. ENTRA UMA MESINHA, COM DUAS CADEIRAS. OS DOIS SENTAM-SE. ENTRA GARÇOM, QUE SERVE DOIS ENORMES SUNDAES. GABI BEM DENGOSA.

GABI – Nunca pensei que você fosse me convidar para tomar sorvete. Sempre foi tão tímido!

CIRANO – Eu estava tomando coragem.

GABI – Sabe, eu adoro cantar. Conheço umas músicas lindas.

CIRANO – Canta uma pra mim.

GABI SORRI E COMEÇA A CANTAR UMA MÚSICA. CIRANO SORRI E CONTINUA. OS DOIS CANTAM JUNTOS. AO TERMINAR, ELA APLAUDE.

GABI – (encantada) Que lindo, Cirano, que lindo! Gosta de música?

CIRANO – Já fiz uma porção de letras. Poesia também. Quer que eu faça uma pra você?

GABI – (gostando) Poesia? Você, fazer uma poesia pra mim?

CIRANO – Pois eu faço agora mesmo. Quer ouvir? (toma fôlego) Gabi, Gabi.

GABI – Ah... continue!

CIRANO – Gabi, Gabi/ Só penso em ti/ Nos teus olhos tão bonitos/ No teu jeito de sagui.

GABI – (furiosa) Sagui? Eu não tenho jeito de sagui coisa nenhuma!

CIRANO – (apaziguando) Não fica brava, Gabi. Eu só estava procurando uma rima.

GABI – Também vou fazer uma poesia. Ouça só! (recita) Cirano tem um nariz / Grande como uma mortadela.

CIRANO – (surpreso) Cadê a rima?

GABI – (brava) E daí? Com rima ou sem rima, seu nariz continua grande! Imenso!

CIRANO – (furioso, estica o pescoço para a frente) Não fala do meu nariz!

SEM QUERER, CIRANO ENFIA O NARIZ NO SUNDAE DE GABI

GABI – Tira o nariz do meu sorvete!

CIRANO – (puxando o nariz) Meu nariz tá congelando.

GABI – Agora ficou maior ainda! Parece uma banana split!

GABI SAI CORRENDO. CIRANO CORRE ATRÁS. ENTRA MÚSICA.

CARRASCO, Walcyr. *O menino Narigudo*. Porto Alegre: Editora Moderna, 2003.